

Trabalhos Científicos

Título: Impacto Do Uso De Fórmulas Sem Lactose Em Recém-Nascidos Intolerantes Versus Manutenção De Aleitamento Materno Exclusivo

Autores: ANA CAROLINA CIDADE SENRA (CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS), PAOLLA AMORIM MALHEIROS DULFE (CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS), MELISSA DE ALMEIDA SOARES (CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS), SULAMITA CORREA TAVARES DE OLIVEIRA (CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS), BLANCA GARCIA SANTOS (CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS), GLEYCE PADRÃO DE OLIVEIRA (CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS)

Resumo: Introdução: O aleitamento materno exclusivo é a principal recomendação para recém-nascidos, devido a seus reconhecidos benefícios imunológicos, metabólicos e de adequado desenvolvimento. Em situações de suspeita ou diagnóstico de intolerância à lactose, é frequente recorrer ao uso de fórmulas sem lactose, embora sua real indicação e impactos clínicos permaneçam ainda controversos. Diante disso, torna-se de grande relevância comparações de efeitos dessas fórmulas em relação à manutenção do aleitamento materno exclusivo, considerando desfechos clínicos, imunológicos, nutricionais e metabólicos.
Objetivos: Comparar os efeitos clínicos, nutricionais e metabólicos do uso de fórmulas sem lactose em RN com diagnóstico de intolerância à lactose em relação à manutenção do aleitamento materno exclusivo.
Metodologia: Revisão narrativa da literatura, incluindo ensaios clínicos, revisões sistemáticas, estudos observacionais e análises in vitro publicados entre 2011 e 2025 localizados nas bases PubMed e BMC. Foram selecionados artigos que abordaram crescimento, metabolismo, microbiota intestinal, risco de alergias e tolerância gastrointestinal em RN a termo ou prematuros.
Resultados: Estudos demonstraram que fórmulas sem lactose promovem crescimento semelhante às fórmulas comuns, sem apresentar vantagens sobre o leite humano (Lasekan et al., 2011, Blatter et al., 2011). Entretanto, lactentes em aleitamento materno exclusivo exibem melhor perfil metabólico pós-prandial (Slupsky et al., 2017) e microbiota intestinal mais saudável (Embleton et al., 2023). A introdução de fórmulas, mesmo como suplementação, eleva o risco de alergia à proteína do leite de vaca (Kelly et al., 2019) e está associada a sintomas gastrointestinais em contextos populacionais diversos (Lavalle et al., 2022). Além disso, revisões confirmam benefícios do aleitamento materno na composição corporal de prematuros (Huang et al., 2016), enquanto análises in vitro apontam maior potencial cariogênico das fórmulas sem lactose (Smutkeeree et al., 2025). Fórmulas com composição reduzida de lactose também foram relacionadas a respostas glicêmicas alteradas (Mokhtari et al., 2024, Wicke et al., 2022).
Conclusão: O uso de fórmulas sem lactose em RN deve ser restrito a casos confirmados de intolerância, pois não traz benefícios adicionais sobre o leite humano e pode comprometer desfechos importantes da saúde infantil. O aleitamento materno exclusivo deve ser priorizado, reforçando-se a necessidade de protocolos diagnósticos rigorosos.